

Escola rural no Século XXI: respeito aos elementos da natureza através do ambiente vivido

École rurale du XXI siècle: respect aux éléments de la nature dans le milieu vécu

Danúbia Zanotelli Soares
Maria das Graças Silva Nascimento Silva

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo apresentar as percepções subjetivas acerca do ambiente vivenciado por 20 estudantes do ensino fundamental da zona rural da escola municipal 22 de Abril, localizada no Município de Monte Negro, Rondônia-Brasil. Na paisagem rural encontramos não somente as características físicas dos lugares onde os educandos vivem, mas também a história da comunidade através das modificações empreendidas sobre o lugar, as atividades econômicas resultantes desse processo e as relações sociais entre os sujeitos que ocupam o espaço geográfico. Diante disso, a partir da metodologia de história oral proposto por Meihy (2005) e do método fenomenológico proposto por Gaston Bachelard (1993) buscamos analisar o espaço que os discentes habitam, levando em consideração os problemas ambientais presentes nesses meios e o respeito aos elementos da natureza, resultante do entendimento do meio ambiente como essencial a sobrevivência humana. A escolha pela entidade de ensino municipal se deve pelos projetos que visam à melhoria do ambiente físico escolar, que por meio de ações conciliam reutilização de materiais recicláveis e a construção de áreas de lazer e estudo, demonstrando respeito à natureza e seus recursos, apontando para a necessidade da preservação e uso sustentável do meio ambiente, promovendo educação ambiental. Salutar refletir sobre a educação rural que proporcione aprendizagem voltada às necessidades da população em que atende para além dos conteúdos programados em cada componente curricular, o que nos permite afirmar a premência da observação dos anseios da população onde a unidade de ensino está inserida.

Palavras-chave: Educação Rural; Atividades Econômicas; Respeito à Natureza;

RÉSUMÉ: Cette étude vise à présenter les perceptions subjectives sur l'environnement vécu par vingt (20) élèves de l'enseignement primaire de la zone rurale de l'école municipale 22 de Abril, située dans la municipalité de Monte Negro, dans la région Rondônia-Brésil. Dans le paysage rural, on ne trouve pas seulement les caractéristiques physiques des lieux où les élèves vivent à travers la nature, mais aussi l'histoire de la communauté à travers les changements apportés au lieu, les activités économiques résultant de ce processus et la fonction des genres féminin et masculin dans les activités développées dans l'espace qu'ils occupent. Donc, à partir de la méthodologie de l'histoire orale proposée par Meihy (2005) et de la méthode phénoménologique proposée par Gaston Bachelard (1993) on prétend analyser l'espace que les élèves habitent, tenant compte les problèmes environnementaux présents dans ces espaces et le respect des éléments de la nature, résultant de la compréhension de l'environnement comme élément essentiel de la survie humaine. Le choix de l'entité d'enseignement municipale se fait en raison des projets qui visent l'amélioration de l'environnement physique scolaire, par des actions qui réconcilient la réutilisation des matériaux recyclables et la construction des espaces de loisir et d'étude, démontrant le respect à la nature et ses ressources, soulignant la nécessité de la préservation et l'utilisation d'un environnement durable, promouvant l'éducation environnementale. C'est importante de réfléchir sur une éducation rurale offrant un apprentissage axé sur les besoins de la population qui va, au-delà des contenus programmés dans chaque curriculum du programme, ce qui nous permet d'affirmer l'urgence d'observer les aspirations de la population où l'unité d'enseignement est insérée.

Mots-clés: Éducation Rurale; Activités Économiques; Respect à la Nature;

1 INTRODUÇÃO

A educação ambiental promovida pela Escola Municipal 22 de Abril, localizada no município de Monte Negro, Rondônia, foi o principal fator que nos motivou a busca pela efetivação da pesquisa. A escola citada se enquadra na chamada educação do campo ou rural, devido à educação formal ofertada a população residente na área rural, que permite aos educandos receber educação mais próxima a sua residência. A instituição de ensino desenvolve ações que demonstra a preocupação da instituição com o meio ambiente, por meio do uso de materiais recicláveis a exemplo de pneus e madeira, proporcionando um ambiente mais alegre, agradável e principalmente, despertando nos educandos o real sentido de sustentabilidade, de uma maneira prática.

Entendemos a necessidade e a urgência de conciliar o ensino às experiências de vida dos educandos, assim como de valorizar instituições que desenvolve a simbiose entre educação ambiental e experiência no lugar vivido. Neste contexto, procurou-se analisar o modo de vida, o valor da natureza para os discentes, as atividades econômicas realizadas pelas famílias dos educandos, as transformações e problemas de ordem ambiental empreendida sobre o lugar, e as relações de gênero através das atividades praticadas nas propriedades.

Optamos pela abordagem qualitativa dos dados e informações, reconhecida por Bernardes (2017, p. 20) como sendo uma “[...] possibilidade de apreender o real no contexto da subjetividade, do simbólico e da intersubjetividade próprias das relações expressas na realidade social, num intercâmbio com suas dimensões objetivas”. Na tentativa de analisar as percepções dos estudantes acerca do lugar vivido, utilizamos a técnica de História Oral proposta pelo autor José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) que a caracteriza como uma “[...] forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida – quanto mais elas contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento” (MEIHY, 2005, p. 57). É de suma importância estar em contato com o fenômeno pesquisado e principalmente dar voz as pessoas como forma de entender as suas experiências no lugar em que vive.

Utilizou-se ainda o método fenomenológico, que é caracterizado por Amorim Filho (1999, p. 70) “[...] como uma das bases epistemológicas para o estudo dos espaços vividos e valorizados, tema fundamental da corrente da geografia humanística”, que propõe uma visão humanística em oposição à visão reducionista sobre os espaços geográficos. A fenomenologia permite o conhecimento das percepções do mundo vivido, sentido e imaginado, para tanto utilizamos a fenomenologia de Gaston Bachelard (1993) a partir da obra “A poética do espaço”, primordial no estudo. A obra é assim concebida, devido os significados a partir da experiência humana, exemplificado pelo autor através dos espaços e dos objetos por ele descrito, com um olhar aquém da utilidade e da normalidade com o que se observa.

A geografia permite que o professor utilize os conhecimentos dos educandos, externo as salas de aula, para refletir sobre os problemas que os rodeiam assim como, a partir da análise de ações de ordem superior às localidades de onde vivem, possam compreender o conjunto de condutas que levam a efetivação dos problemas diagnosticados (SOARES, 2018). É preciso que o professor tenha a sensibilidade para propor novos caminhos epistemológicos, visando ensino aprendizagem em consonância com a realidade dos educandos. Ademais a aula tende a ser um momento de reflexão acerca das ações e (re) formulação de concepções e condutas, contribuindo para o entendimento da natureza como centro da vida humana.

2 A GEOGRAFIA DO MUNDO VIVIDO

Por mundo vivido compreendemos o espaço habitado pelo ser humano, onde ele mora, convive, participa em comunidade, e resumidamente, onde ele existe! Sobre o espaço vivido, advogamos as mesmas considerações proposta pelo arquiteto, pedagogo e filósofo alemão Otto Friedrich Bollnow, em sua obra *O homem e o Espaço* (2008) que simplificadamente, o caracteriza como nada psíquico, mas o espaço onde a vida humana acontece. Dessa forma, ele é delimitado a partir dos lugares onde os seres humanos habitam e mantém suas relações sociais, formando assim vários mundos vividos. Nessa perspectiva, corroboramos com as colocações da geógrafa brasileira Salette Kozel (2018, p. 44) onde afirma que “[...] o mundo vivido reflete no lugar, que passa a ser apropriado pelo corpo por meio das sensações, percepções e significados”.

O espaço vivido torna-se então espaço da observação humana e das vidas que se desdobram no espaço vivido, o espaço é o lócus da experiência humana. Importante considerar que tanto o espaço quando o mundo é aqui considerado vivido, quando a vida humana se desdobra sobre eles. Entretanto necessário apontar que, no estudo, por mundo compreendemos as relações que se estabelecem em uma escala maior e mais amplas de relações sociais, ambientes e percepções, e por espaço escalas menores, que estão diretamente ligadas ao lugar habitado e das subjetividades.

No mundo vivido cada Ser mantém-se de uma maneira diferente, assim como é atingindo ou influenciado de forma desigual pelos elementos culturais, pelas ações próprias do contato humano. As multiplicidades de “mundos” colaboram para as inúmeras percepções subjetivas, assim como influenciam para a formação do sujeito. Entretanto, só se consegue enxergar este mosaico, quando nos abstermos das nossas próprias concepções, e deixamos que os fenômenos falem por si só. Nesse sentido, advogamos as considerações de Kozel (2018, p. 45) que “o mundo vivido é essencialmente subjetivo derivado do contato com outras pessoas, com instrumentos, coisas, etc. Enfim, tudo que pode ser usado, transformado e manipulado”.

O geógrafo Francês Eric Dardel, após meados da década de 1950, em sua obra denominada “O Homem e a Terra” que defendia o espaço geográfico em contraposição as considerações únicas e simples acerca do espaço meramente geométrico, pode ser considerado um dos principais responsáveis pela nova corrente epistemológica da geografia humanística do mundo vivido, influenciando outros autores a analisar as percepções humanas em todas as escalas e ambientes do espaço geográfico. Na mesma via de análise, a geógrafa Irlandesa Anne Buttimer (1992) considera que o espaço meramente em termos de sua geometria é uma abordagem inadequada ao entendimento da experiência humana.

Nesse sentido, podemos ainda salientar as considerações do filósofo e sociólogo Francês Henri Lefébvre (1976, p. 29) considera como espaço social e vivido distante de ser “[...] vacío y puro, lugar por excelencia de los números y de las proporciones”⁸, podemos então considerar o espaço como forma, meio e produto. Produto este distante de serem apenas as causas do trabalho humano, mesmo porque, conforme o autor menciona em sua obra: *La-produccion-del-espacio* “No hay relaciones sociales sin espació, de igual modo que no hay espacio sin relaciones sociales” (LEFÉBVRE, 1974, p. 14)⁹. A noção de espaço geográfico com a expressiva participação humana passa a se fazer presente em todas as áreas da geografia, bem como utilizado por outros campos científicos.

Necessário considerar que a construção dos estudos levando em consideração os espaços, o homem, e as percepções, que funcionam como uma tríade remonta do fim do século XIX, quando os esforços da corrente racionalista pelas buscas de leis universais classificatórias objetivavam apontar para o espaço em sua totalidade, analisando suas características físicas e humanas, isolando as crenças e mitos para entender os acontecimentos naturais, apontando para a descrição como importante meio de análise científica, com ênfase após meados da década de 1950. Nesse sentido, podemos afirmar que durante muito tempo a geografia foi analisada e caracterizada pelo homem, se privando das vidas de estudo.

Para Paul Claval (2011, p. 189) “as concepções científicas que se desenvolvem no fim do século XIX destacam as relações que os homens mantêm com o ambiente” e que abrange também boa parte do século XX, a procura de definições detalhadas para o momento vivenciado pelas sociedades e pela geografia. No período citado a geografia ganha caráter científico que objetiva a descrição total ou parcial do globo e todos os seus ambientes concomitante a investigação da condição do homem perante os recursos naturais assim como a distribuição da população pelos hemisférios e a condição de vida de cada população em diferentes lugares. A produção dos espaços e as características que os assimilam como também os diferenciam possíveis de serem identificadas por meio da paisagem, passam a serem objetos de estudos da geografia.

Nesse contexto Margareth de Castro (2013, p. 11) afirma que a geografia passou a estabelecer “[...] a relação entre a totalidade e a especificidade, volta a sua atenção para a riqueza da diversidade e a personificação dos lugares. Amplia a percepção geográfica quando aproxima o olhar dos processos de diferenciação”. A partir de meados do século XX com o surgimento da obra *O Homem e a Terra* do geógrafo Francês Eric Dardel (2011), que advogava o espaço geográfico em contraposição as considerações únicas e simples acerca do espaço meramente geométrico, se tem o surgimento de outros estudos, que tentam apontar para a mesma finalidade. Nesse sentido, as contribuições de autores como Tuan (1977), Bollnow (2008), se unem a Claval e Dardel, objetivando humanizar a geografia.

As novas epistemologias que analisam os sentimentos humanos em relação ao lugar onde vivem, contribuíram para o estudo de todos os ambientes permeados pelos seres humanos, e necessários a investigações científicas, por serem lugares de construção subjetivo e social. Sobre este mesmo preceito, firmamos o presente estudo, visando analisar a natureza modificada e caracterizada pelas sociedades humanas, através da visão de sujeitos que compartilham diferentes “mundos”, experiências e histórias de vida. A vida humana se dá no tempo e no espaço, e é também regida por esses dois importantes elementos.

Utilizamos das potencialidades da geografia humana para adentrar no espaço das subjetividades e percepções de estudantes, e instigá-los acerca do lugar onde vivem, buscando

⁸ “[...] vacío y puro, lugar por excelencia dos números e das proporções”.

⁹ traduzir.

compreender as diversas formas de vida e de construções sociais existentes. Além disso, como principal objetivo do estudo, entender as concepções dos sujeitos acerca da natureza e do meio ambiente vivido, assim como os problemas que permeiam tais espaços. Acreditamos no poder de levar os educando a perceber-se no lugar habitado, a refletir sobre os problemas existentes no meio ambiente resultantes do trabalho humano, e na meditação sobre a necessidade de buscar alternativas viáveis e sustentáveis de desenvolvimento.

3-A NATUREZA VIVIDA E OBSERVADA NA PRÁTICA DOCENTE

A concretização do presente texto, parte da premissa de que desde muito pequenos temos conhecimento a partir de nossas experiências com a natureza e seus elementos, de que ela é essencial a nossa sobrevivência e que nos possibilita o entendimento acerca da realidade onde vivemos. Corroboramos com as reflexões de Karl Marx (2004) de que o homem vive da natureza e que ela é parte de seu corpo, no qual em intercâmbio se mantém, objetivando manter-se vivo.

Em sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos* o autor sabiamente defende que “[...] a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesmo, pois o homem é parte da natureza” (MARX, 2004, p. 84). Nesse sentido, devemos analisar como a natureza é vista pelo homem: como forma de proporcionar condições de sobrevivência, através da retirada dos meios necessários a sua vida, ainda que gerem modificações no ambiente natural ou transpassando este conceito, chegando ao uso para além das necessidades humanas propriamente ditas.

Nas sociedades capitalista, comum o entendimento da natureza como meio que oferece os recursos, ou matéria prima, para transformação e geração de lucros. Para que o desenvolvimento econômico ocorra, em menor ou maior escala, é necessária a retirada dos recursos naturais. A boa relação entre o homem e a natureza deixa de ser entendido como necessário e torna-se escassa ou inexistente, indicando para um processo de vontade de dominação da natureza pelo homem (MARX, 2004). Desde o pequeno produtor rural ao grande latifundiário, pouca são os exemplos de uso sustentável do meio ambiente, da mesma forma ocorre nos ambientes citadinos, que independente da hierarquia urbana, possui problemas que atingem diretamente a natureza, através do mau uso em sua superfície e de seus elementos.

Diante das inquietações com as transformações espaciais e as consequências resultantes desse processo, pontuamos a necessidade metodológica em utilizar o ambiente vivido pelo educando, para novas construções epistemológicas. Ademais, consideramos importante no processo de ensino aprendizagem, levar os educandos as percepções do mundo que os rodeiam, assim como apontar novos caminhos de ensino da geografia, diante da relevância do campo científico e do desinteresse demonstrado por parte dos educandos que consideram a disciplina como uma matéria decorativa, de memorização de respostas prontas sobre problemas que raramente cerceiam seu lugar vivenciado, tampouco condiz a sua realidade.

Defendemos a possibilidade de reflexão dos educandos de pensar sobre um mesmo contexto, diferente das hipóteses apresentadas pelo professor e pelos materiais didáticos. De questionar, de mostrar novos caminhos a serem percorridos para o entendimento de um mesmo fenômeno, de encarar as situações com heterogeneidade perante a diversidade da natureza e de sujeitos, que vivem e atuam sobre ela. Corroboramos com Kaercher e Bohrer (2018, p. 112) de que “[...] a docência é indubitavelmente atrelada aos pressupostos epistemológicos de nossa maneira de pensar a ciência geográfica ou a ciência da educação, mesmo que estes pressupostos não sejam factíveis de provas”.

Para tanto, é de suma importância que consigamos refletir sobre a prática didática docente, colocando-nos como agentes ativos do processo de ensino e aprendizagem e em condições de propiciar mudanças significativas na vida de adolescentes e jovens, no decorrer do ensino e do lugar onde vivem. Concordamos com Kaercher e Bohrer (2018, p. 112) de que é essencial “[...] tentar desenvolver uma aptidão geral de inteligência, capaz de colocar e tratar os problemas de maneira organizada e de permitir o estabelecimento de ligações entre os saberes, dando-lhes sentido”. Nesse sentido, optamos em estudar a escola municipal de ensino infantil, fundamental 22 de abril, localizada na Br 421 Lc 35 Km 10, zona rural do município de Monte Negro,

Rondônia/Brasil, que se destaca por proporcionar ao educando ensino visando promoção da valorização da natureza.

A escola possui um quantitativo de 338 alunos que se distribuem entre as séries iniciais do ensino fundamental ao nono ano. A instituição conta ainda com educação do campo, no qual sede as salas de aula para o ensino médio ofertado pela secretaria estadual de educação do estado de Rondônia. É notório em vários ambientes da escola a utilização de pneus e outros materiais reciclados que promovem um ambiente agradável, harmônico e despertam a conscientização sobre a importância da educação ambiental, como pode ser observado na figura 1.



Figura 1 - Jardinagem com reutilização de pneus

Fonte: Fotografia de Josias Cardoso

É missão da escola proporcionar um ambiente saudável e que esteja de acordo com as normativas e referenciais que regulamentam a educação. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário que as ações da escola estejam em consonância com os projetos pedagógicos elaborados pela unidade de ensino, tendo a participação dos alunos e da comunidade. Dessa maneira a escola estará contribuindo para a formação e cidadãos conscientes de suas responsabilidades com o meio ambiente, e preparados para agir visando proteção e melhoria deste. Nesse sentido, os apontamentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) são de suma importância, pois afirma que,

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos. E esse é um grande desafio para a educação. Gestos de solidariedade, hábitos de higiene pessoal e dos diversos ambientes, participação em pequenas negociações são exemplos de aprendizagem que podem ocorrer na escola (PCN, 1977, p. 178).

Na observação do espaço da unidade de ensino supracitada, reconhecemos essa preocupação de preservação e melhoria do meio ambiente, através da reciclagem. O tempo de decomposição

de materiais como pneus quando descartado no meio ambiente é indeterminado, causando poluição das águas dos rios e do solo, desencadeando efeitos nocivos não só ao meio ambiente, bem como a saúde de animais e do homem. Ademais a escola investe na arborização em espaços ociosos (figura 02), e/ou destinados a recreação dos alunos, o que colabora para diminuir a sensação térmica no interior das salas de aula, principalmente em períodos do verão amazônico, com predominância de altas temperaturas e pouca pluviosidade. Além disso, esses locais podem ser usados pelos professores para trabalhar suas aulas, abordando diversos temas presentes nos componentes curriculares e nos planos de ensino.

Na formação dos ambientes observa-se um conjunto que proporciona outras formas de ensinar, fazendo dos ambientes laboratórios vivos de ensino ao ar livre. Ademais, proporciona ao professor e ao educando o privilégio do conhecimento dos objetos em seu contexto, e de maneira interdisciplinar, tanto em relação às disciplinas, quanto à associação de educadores no processo de aprendizagem. Soares (2018) afirma que as aulas de campo no interior da escola colaboram para o conhecimento da instituição e da comunidade onde a unidade de ensino está inserida.



Figura 02 - Arborização com uso de pneus
Fonte: Fotografia de Josias Cardoso

Advogamos das mesmas considerações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 177) de que “Deve-se cuidar, para que o uso econômico dos bens da Terra pelos seres humanos tenha caráter de conservação, isto é, que gere o menor impacto possível e respeite as condições de máxima renovabilidade dos recursos”. Entretanto só conseguiremos despertar tais sentimentos nos educandos, quando passamos a colocar o meio ambiente sob a reflexão discente, que sobre sua maneira de entender o mundo e seus problemas, conseguirão analisar os problemas existentes nos lugares onde vivem. Ademais este é um dos principais objetivos da educação ambiental.

Educação ambiental é o que não falta na Escola Municipal 22 de abril, que por meio do trabalho em grupo entre os funcionários e comunidade, conseguem realizar importantes obras, para melhor qualidade da educação no interior da instituição. A exemplo, podemos citar o parque utilizado pelas crianças para recreação também produzido a partir da reutilização de madeiras e pneus, que coloridos deixam o ambiente alegre e proporciona saúde e bem estar aos educandos (figura 3).



Figura 3 - Parque da escola 22 de abril com uso de pneus e madeira reciclados.

Fonte: Fotografia de Josias Cardoso

Concordamos com Kaercher e Bohrer (2018) de que a educação escolar aliada ao meio ambiente colabora para que possamos conhecer a nossa sociedade e a nós mesmos e principalmente que a geografia colabora para esta finalidade, ademais de que somos livres para optar entre nossos valores e atitudes. A perspectiva ambiental consiste num modo de ver o mundo no qual se evidenciam as inter-relações e a interdependência dos diversos elementos na constituição e manutenção da vida. Deferimos das considerações de Soares (2018) de que a geografia permite o estudo dos diversos temas presentes na superfície terrestre, por entender que tudo o que concerne ao homem e ao local onde vive, é importante ser analisado. Nesse sentido nada é desprezível aos olhos da ciência geográfica, tampouco, menos relevante.

4-O AMBIENTE VIVENCIADO E O RESPEITO AOS ELEMENTOS DA NATUREZA

Iniciamos essa sessão com o questionamento que não se restringe a apenas uma unidade de ensino no território brasileiro, tampouco a poucos grupos de educadores: De que maneira a escola pode contribuir para a formação da consciência ecológica e valorização do meio ambiente em crianças, jovens e adultos? E chegamos à conclusão que além de mostrar meios que possibilitam esse entendimento, é essencial a formação crítico reflexiva do aluno de perceber-se parte integrante do lugar onde vive. Nesse sentido corroboramos com as considerações de Kaercher (2011) de que é necessário,

Repensar nossas aulas: como se ensina; como se aprende? Os conteúdos continuarão os clássicos, os do livro didático. Isso não é defeito algum. Podemos, no entanto, por um tempero nestes conteúdos: o que eu quero ensinar quando ensino 'urbanização', 'geografia agrária', 'aspectos da natureza', 'globalização', etc? Que valores éticos, estéticos e políticos eu levo junto com meus conteúdos? (KAERCHER, 2011, p. 204)

No tocante ao contexto ambiental, há alguns anos o tema é apontado como importante à formação subjetiva, e, portanto parte indissociável do processo educativo. Morin (2000) já apontava para a terra como uma pátria em perigo, diante das transformações do homem, pontuando a necessidade de entendê-la como uma comunidade de vidas. Em conformidade com o estudo, os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o meio ambiente (1997, p. 169) afirma que “A problematização e o entendimento das consequências de alterações no ambiente permitem compreendê-las como algo produzido pela mão humana, em determinados contextos históricos, e comportam diferentes caminhos de superação”.

Diante disso, analisando o contexto no qual a educação ambiental ocorre na Escola Municipal 22 de abril, e com a utilização do método fenomenológico, da técnica de história oral e da produção textual nos lançamos a dar voz aos educandos, objetivando conhecer seus modos de vida e o mundo visto através de seus olhos. Utilizamos do diálogo e lançamos algumas indagações sobre as transformações exercidas sobre o meio ambiente ou natureza, assim como os problemas resultantes desse processo, no intuito de analisar suas percepções acerca do tema. Consideramos que este não apenas aponta caminhos possíveis de serem seguidos, sobretudo propicia o contato com o fenômeno a partir do trabalho voltado a formação integral do ser humano.

Além disso, observou-se maior proximidade entre a comunidade pesquisada e o pesquisador, como se os laços se estreitassem à medida que o diálogo era estabelecido. No estudo, os educandos entenderam o momento como uma forma do professor se interessar pelas atividades que praticam quando não se encontram na unidade de ensino, e se sentiram muito felizes com tal ação. Corroboramos com Kaercher (2011, p. 204) que “Precisamos buscar uma boa base epistemológica para que nossos alunos ‘careçam’ (=desejem) nossas aulas e não simplesmente ‘estejam diante de nós’ (=necessitem nos ouvir por obrigação)”. Aprendemos tanto quanto ensinamos, quando nos propomos a ouvir.

A escola atende a alunos que residem até 02 horas distante da unidade de ensino, perfazendo um tempo de 04 horas de viagem todos os dias, da residência a escola e vice versa, para estudar. Grande parte dos alunos percorrem distâncias menores, tendo tempo estimado em 15 e/ou 20 minutos. O transporte é realizado por ônibus escolar, pelo município, através do Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (PNATE). As viagens diárias de ida e retorno da escola foram descritas de várias maneiras, entretanto grande maioria dos educandos relatou ser um momento de descontração, no qual aproveitam para conversar com os colegas, rir e admirar a paisagem, conforme os locais que o ônibus percorre.

Entretanto, alguns estudantes relataram considerar as viagens diárias sofridas, pelo fato de percorrerem longas distâncias, necessitando sair cedo de casa, e chegar tarde. Ou ainda, por causa das condições das estradas, que em períodos chuvosos faz com que os ônibus fiquem atolados, e no período do verão, a poeira e as corrugações também chamadas “costelinhas”, que são irregularidades comuns de estradas não pavimentadas, faz com que o ônibus balance muito. Acreditamos alcançar o que Meihy (2005,) propõe acerca da história oral, como forma de captar as experiências daqueles que se propõe a falar sobre determinado tema, devendo ser valorizado o modo e o entendimento do entrevistado.

As histórias dos educandos na localidade se entrelaçam ao próprio desenvolvimento das propriedades rurais, tidas como recentes por ter início no início da década de 1990, após os Programas de Integração Nacional-PIN, lançados pelo governo federal a fim de desenvolver as áreas ociosas da região norte, a exemplo do estado de Rondônia. Nesse compasso, as propriedades onde os educandos habitam fazem parte de lotes de terras herdadas do Instituto Nacional de colonização e Reforma Agrária - INCRA, fruto de reformas agrárias ou obtidos anos mais tarde, pela família do discente.

O discurso oral aponta para as transformações na natureza, para a implantação das atividades econômicas pela família dos alunos, que se dedicam a pecuária leiteira, pecuária de corte, criação de porcos, piscicultura, agricultura (principalmente plantio e colheita de café) e atividades que se intercalam entre pecuária e agricultura de subsistência. Na maioria das famílias essas atividades são responsáveis pelo sustento dos membros que residem no lar, entretanto, há famílias que necessitam realizar atividades fora da propriedade para complementar à renda que garante o sustento dos membros da família. Nesse sentido, houve relatos de pais de alunos que trabalham

como motorista, como meeiros, ou em diárias remuneradas em propriedades vizinhas, e que com o dinheiro que arrecadam resultante das atividades, conseguem manter-se no local.

A maior parte das famílias é composta por três ou quatro membros, entretanto há famílias que possuem até doze pessoas residindo sobre a mesma propriedade. O gênero feminino compõe a maior quantidade de indivíduos que vivem nos espaços rurais, entre os educandos pesquisados, com idades que variam de 11 meses a 72 anos. Como em qualquer porção territorial, há divisões de atividades por gênero conforme o ambiente e as atividades a serem realizadas.

A pesquisa diagnosticou que as mulheres participam em maior quantidade dos serviços domésticos, ou seja, das atividades do lar como lavar, passar, limpar e cozinhar. Entretanto, comum às mulheres realizarem atividades agrícolas em seus quintais em pequenas hortas, ou espaços destinados à agricultura de subsistência diversificada, além de criação de animais domésticos, como porcos e galinhas. Os serviços de roça, assim designados pelos educandos como: capinar, plantar ou cuidar do gado, são os homens os maiores responsáveis, entretanto, necessitando da “ajuda” das mulheres em períodos de colheita das lavouras.

Por constituir áreas resultantes dos Programas de Integração Nacional-PIN, onde historicamente os proprietários tinham que realizar a retirada de boa parte da mata nativa para ter posse definitiva das terras, ou ainda, por concepções de que a implantação de cultivos agrícolas ou pastagens estava condicionada a derrubada da mata nativa, essas propriedades sofreram intensa interferência humana em suas paisagens naturais. Em consequência disso as derrubadas e as queimadas também foram realizadas em larga escala, para introdução das atividades agrícolas (agricultura e/ou pecuária). As derrubadas e as queimadas são entendidas pelos discentes como os principais problemas que permeiam os espaços por eles ocupados na contemporaneidade, uma vez que as derrubadas tem como consequência a diminuição de espécies de árvores protegidas por lei e as queimadas, como ação que além de enfraquecer o solo, polui o ar e dificulta a respiração.

Além disso, as queimadas auxiliam para o aumento da temperatura que segundo os educandos, torna o ambiente ruim não somente durante ao dia, por ser mais quente, dificultando também no período noturno, no momento de descansar. Concomitante as queimadas, o assoreamento dos rios pela retirada das matas ciliares, bem como sua poluição são outros problemas visualizados pelos discentes. Ademais, as atividades desenvolvidas em áreas de garimpo, próximo à propriedade rural onde os educandos residem, são apontadas como potenciais poluidores do lençol freático.

Os discentes descrevem a natureza como um lugar bom de viver, como um dos bens mais preciosos que temos e como um meio que possibilita o desenvolvimento da vida. Compreendem ainda que a preservação da natureza é necessária, uma vez que precisam diretamente do meio ambiente para viver. Suas aspirações são de colaborar para uma sociedade mais sadia, através da preservação dos recursos naturais, e do uso sustentável das matérias primas e objetos, visando a não exaustão da natureza e o retorno do que ela significa em suas vidas e no dia a dia. Evidenciamos na fala discente a natureza caracterizada como um lar, uma casa, constatando a fenomenologia presente nos estudos de Bachelard (1993), nos quais os valores particulares se inter cruzam aos valores fundamentais: Do uso sustentável.

Salutar refletir sobre a educação rural que proporcione aprendizagem voltada as necessidades da população em que atende para além dos conteúdos programados em cada componente curricular, o que nos permite afirmar a premência da observação dos anseios da população onde a unidade de ensino está inserida. Concordamos com Kaercher e Bohrer (2018, p. 112) de que “A Geografia pode não ter soluções para as agruras da humanidade, mas tem em suas aulas a possibilidade de refletir sobre elas com a humilde esperança de que não somos condenados a repetir nossos erros”.

Bollnow (2008) destaca a relação dupla entre o homem e o espaço. De acordo com o autor por um lado o espaço se expande ao redor do homem e pertence a sua constituição transcendental, por outro lado, o homem não carrega consigo o “seu” espaço aonde vai. Nesse sentido, ele constrói outros mundos através de outros ambientes que frequentam, de outras realidades e a partir de outras relações sociais estabelecidas, entretanto, sem deixar de lado suas concepções subjetivas, ensinadas ao longo do processo de formação humana.

Advogamos das concepções de Soares (2018) de que o lugar de vivência do educando deve sempre ser levado em consideração no processo durante o processo de ensino e aprendizagem. É

na escola que professor e aluno podem efetivamente, se relacionar com o mundo? A qual mundo estamos nos referindo? Ao mundo amplo, de vivências e experiências, no quais ambos os agentes vivem, transformam e se modificam. Ao mundo das percepções, que subjetivamente, é responsável por tornar o mundo heterogêneo aos olhos de todos. Ler, Ver e Entender o mundo nada mais é que a função da geografia.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A árdua função de ensinar pode se transformar em um momento de troca de experiências entre os educandos e professor, e mais que isso, ser um momento de conhecimento das diversas realidades que se intercalam e se relacionam na sala de aula. O exercício da docência pode e requer que façamos a prática diária de instigar, estimular, e, sobretudo ouvir o aluno no intuito de estabelecer e estreitar laços de confiança por meio da análise dos diversos “mundos” existentes no ambiente escolar.

Diante desse contexto, e levando em consideração o comprometimento da unidade de ensino em estudo com a formação integral dos educandos, nos propomos a dar voz aos sujeitos diretamente ligados ao processo de ensino e aprendizagem do lugar de análise. Os relatos das experiências de vida demonstram a força de estudantes que diante dos percalços diários, enxergam na educação o meio que possibilitará a transformação positiva de suas vidas. Ademais, enxergam no/a professor/a, o meio para que seus objetivos sejam alcançados.

As falas discentes, tão característica de cada educando, nos mostrou a preocupação com a natureza, a partir da percepção dos problemas existentes em cada propriedade, que em alguns casos, são também encontrados por outros alunos nos locais onde habitam, demonstrando que eles não se restringem a um único ambiente. Nesse sentido, houve importantes apontamentos e reflexões, inclusive de caracterização sobre o que poderia ser diferente, se em anos anteriores, a temática ambiental fosse uma constante preocupação da sociedade como um todo.

Sentir-se no lugar habitado, como parte integrante da sociedade e como sujeitos que podem interferir positivamente, foi uma experiência transformadora para os educandos. A observação da unidade de ensino, por meio de seus espaços que apontam para a preservação e restauração do meio ambiente, bem como do uso sustentável dos recursos naturais, na disciplina de geografia, foram essenciais para a compreensão dos educandos acerca da necessidade do uso sustentável dos recursos naturais.

REFERÊNCIAS

1. AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **A Evolução do Pensamento Geográfico** e a
2. Fenomenologia. Sociedade & Natureza, Uberlândia, v.11, n. 21 – 22, p. 67 – 87, Jan./Dez. 1999.
3. BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
4. BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente**. Brasília, 1997.
5. BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Curitiba. Editora da UFPR. 2008.
6. BUTTIMER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, A (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982.
7. CASTRO, Margareth de. **Sobre Paul Claval: impressões e registros geográficos**. In: É geografia, é Paul Claval. Org Maria GERALDA de Almeida, Tadeu Alencar Arrais. – Goiânia: FUNAPE, 2013.
8. CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Editora UFSC. Florianópolis, 2011.
9. DARDEL, Eric. 1899-1967. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo, perspectiva 2011.
10. KAERCHER, Nestor André. **Das coisas sem Rosa uma delas é o Pessoa: as geografias do Manoel e do Nestor na busca do bom professor**. In: TONINI, I. M.; GOULART, L. B.; MARTINS, R. E. M. W.; CASTROGIOVANI, A. C.; KAERCHER, N. A. O ensino da Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 203-231.
11. KAERCHER, Nestor André; BOHRER, Marcos. **O menino irreflexivo e a demissão subjetiva da docência: razão e emoção para manter viva a chama do aprender a ensinar geografia com nossos alunos**. Porto Velho, Revista Presença Geográfica, Vol. V, Num. 02, 2018, p. 111 a 121.

12. KOZEL, Salete. **Mapas Mentais: Dialogismo e Representações**. Curitiba: Appris, 2018, 271 p.
13. LEFÉBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitn Swing Libros, 2013.
14. MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
15. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005
16. MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.
17. TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
18. SOARES, Danúbia Zanotelli. **Ensino e Aprendizagem da Geografia: experiência e partilha de diferentes abordagens metodológicas**. In: Café com Educadores: Espaço escolar, lugar de inclusões e interações socioeducativas. (Org) CERQUEIRA, Claudia Cleomar Araújo Ximenes; SOARES, Danúbia Zanotelli; CHARLES, Charlot JN. Curitiba: CRV, 2018. 346 p.